

Teorias para o surto da doença

ALINE FONSECA E
DARSE JÚNIOR

DA EQUIPE DO CORREIO

O elevado volume de chuvas que caiu no primeiro semestre deste ano pode explicar o surto de hantavirose no Distrito Federal. A hipótese foi levantada pela diretora de Vigilância Ambiental, Miriam dos Anjos Santos, mas não é a única existente até agora. Analistas ambientais acreditam que a epidemia também pode estar vinculada ao desmatamento e a ocupação desordenada no DF e Entorno, responsáveis por um desequilíbrio na natureza da região.

Miriam explicou que o elevado volume pluviométrico provocou abundância de alimentos e consequente proliferação da população de roedores. E 2004 foi um ano atípico nesse quesito. De janeiro a maio deste ano, choveu 1.204m³ no DF. De acordo com os dados do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), representa um aumento de 49% em relação ao mesmo período do ano passado. A média histórica é de 808m³ de chuva durante os cinco primeiros meses do ano.

Com a chuva, a vegetação rasteira (capins, gramíneas) cresceu vertiginosamente. A abundância de comida gerou o aumento na população de ratos. Pela regra da natureza, os roedores se reproduzem com mais facilidade quando também há facilidade de alimentos.

O analista ambiental do Iba-

Ronaldo de Oliveira 3.804



MIRIAM DOS ANJOS ACREDITA QUE AS CHUVAS PROVOCARAM UM AUMENTO NA QUANTIDADE DE ALIMENTOS DOS RATOS

ma-DF Antônio Celso Borges acha pertinente a hipótese levantada por Miriam dos Anjos, mas avalia que outros fatores devem ser levados em conta. “Acho que há um conjunto de hipóteses que poderiam explicar o surto da doença. Não existe apenas um fator, mas vários, como o desmatamento, a ocupação sem planejamento, a diminuição do cerrado e dos animais que aqui viviam”, acredita ele. “O tipo de ocupação tam-

bém causaria um desequilíbrio”, diz Borges. A falta de saneamento básico e a sujeira também entrariam como possíveis causas.

No caso da abundância de chuvas e crescimento das plantas, o ecossistema se equilibraria naturalmente, não fosse a ocupação desordenada do solo urbano. Houve desmatamento e consequente migração de gaiões, corujas, cobras e carnívoros, predadores naturais do roedor silvestre.

Prova disso é que a braquiária — tipo de capim mais comum no DF — só existe onde o ambiente foi alterado, ou seja, não há mais cerrado. Planta africana, a braquiária chegou ao Centro-Oeste com o homem e invadiu o território. “O capim tem capacidade de adaptação muito grande e aparece onde o homem já mexeu”, explica o chefe da Floresta Nacional de Brasília, Guilherme de Almeida.

Na época das queimadas, a

braquiária aproveita para invadir o lugar onde o fogo retirou a vegetação. Hoje, esse tipo de capim se transformou em praga. “Com a mudança do ambiente, os animais acabam sendo expulsos”, afirma Guilherme.

Natureza

As teorias são muitas para o surgimento da hantavirose, mas há uma conclusão comum entre os especialistas: a natureza está respondendo às agressões provocadas pelo homem. “No DF bastaram 40 anos para o homem atacar violentamente o cerrado. Precisou surgir a hantavirose para mostrar essa realidade”, comenta Guilherme de Almeida.

Em outras cidades onde a doença apareceu, o desequilíbrio é evidente. “A primeira vez que ouvi falar da hantavirose foi nos arredores de Ribeirão Preto. Lá, há muita plantação de cana-de-açúcar, ou seja, a vegetação foi retirada por queimadas e os ratos correram para as cidades”, lembra Antônio Celso. “O homem sempre entra como principal responsável.”

Apesar do crescimento da população de roedores, Miriam dos Anjos explica que a solução não é fazer queimadas, muito menos matar os roedores. O ecossistema se equilibra naturalmente. “O mais importante não é a delimitação de áreas ou o combate aos ratos, mas a postura do ser humano frente ao meio em que vive”, explica a diretora de Vigilância Ambiental.

HIPÓTESES

O surto da doença pode ter sido causado por pelo menos cinco fatores.

Volume das chuvas

O elevado volume pluviométrico de 2004 — 49% maior do que no ano passado — gerou abundância de alimentos e aumento da população de roedores.

Capim alto

Com a chuva, a vegetação rasteira cresceu vertiginosamente.

Desmatamento

O capim nasce onde o ambiente foi alterado e o cerrado foi desmatado. Com a retirada da vegetação nativa, os animais nativos e predadores dos ratos são expulsos ou mortos pelo homem.

Ocupação do solo

O homem ocupou o território de forma não planejada. O roedor silvestre que vivia em áreas afastadas é atraído para áreas urbanas.

Lixo e sujeira

A falta de saneamento básico e o mau armazenamento do lixo podem ter atraído os ratos para as áreas urbanas. Sem predadores naturais, eles passaram a circular nas casas e armazéns.